

EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406): REPRESENTAÇÕES DA CULTURA MONGOL

Sofia Alves Cândido da Silva¹, Jaime Estevão dos Reis²

¹Graduada em História, Campus Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Medievais – LEM. sofiaalvescandido@hotmail.com

²Orientador, Doutor, Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Coordenador do Laboratório de Estudos Medievais – LEM. jaimeestevaoreis@hotmail.com

RESUMO

As viagens faziam parte do cotidiano do homem da Idade Média, sobretudo, a partir do século XI com o renascimento urbano e comercial, e com a expansão do Ocidente medieval. Viajava-se por diversas razões: econômicas, religiosas, políticas, militares ou pelo simples desejo de aventura. Muitas destas viagens possibilitavam encontros entre diferentes culturas, uma vez que as distâncias percorridas pelos viajantes ultrapassavam os limites de suas regiões de origem. Estas experiências resultaram na elaboração de diversos livros de viagens. Dentre eles destacamos *Embajada a Tamorlán* (2003), no qual há a descrição de uma missão diplomática que se inicia na cidade de Cádiz, em Castela, e tem como destino a cidade de Samarcanda, capital do Império Timúrida. A partir da análise desta obra, algumas diferenças culturais podem ser visualizadas no contato entre os representantes do rei de Castela e os locais. Neste texto, buscamos compreender quais foram os componentes culturais descritos por Ruy González de Clavijo, representante castelhano, e de que forma descreveu a cultura mongol em seu livro.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamentos; Idade média; Literatura de viagem.

1 INTRODUÇÃO

O ato de deslocar-se está presente na história humana desde os tempos mais remotos, uma vez que as movimentações realizadas pelos *Homo sapiens* tornaram possível o processo de expansão para as diferentes partes do globo terrestre. Na Antiguidade, Ocidente e Oriente eram ligados por várias rotas de comércio e navegação o que possibilitava um fluxo constante de viajantes. Na Idade Média, os deslocamentos eram igualmente frequentes. Dentre os principais viajantes destacam-se: mercadores, peregrinos, pregadores, embaixadores, nobres, monarcas e aventureiros. Isto explica a abundância dos registros de viajantes em seus “livros de viagens”.

Nesse sentido, divergindo da concepção usual de que os séculos do medievo seriam representados por um caráter “estático” dos indivíduos, José Ángel García de Cortázar (1994) caracteriza o homem medieval como *homo viator*. Para o autor, os caminhos percorridos pelos viajantes na Idade Média podem ser tanto simbólicos quanto físicos.

Os percursos simbólicos relacionam-se à religiosidade, ou seja, no Ocidente medieval as pessoas percorriam um caminho traçado entre o momento de seus nascimentos e de suas mortes. Tal deslocamento possuía como destino a “morada final”, junto à Deus e, por este motivo, o ensinamento da Igreja aos seus adeptos era de que a “viagem da vida” era temporária e relacionada a um caráter peregrinatório. Desse modo, as peregrinações físicas, em direção a locais sagrados, eram incentivadas e, se não fosse possível fazê-las, a peregrinação espiritual deveria ser realizada. Para a conclusão desta última, havia a necessidade do acompanhamento de procissões e da participação de celebrações nas paróquias e igrejas (GARCÍA DE CORTÁZAR, 1996).

Já os deslocamentos físicos têm relação com diferentes ocasiões e dizem respeito ao trânsito realizado de um lugar ao outro (GARCÍA DE CORTÁZAR, 1994). Essas viagens, realizadas pelos sujeitos da Idade Média, ocorriam por razões específicas, por exemplo: peregrinações, administrações de reinos, comércio, estudo e guerras. Em síntese, os caminhos percorridos pelo *homo viator* medieval dizem respeito ao:

[...] caminho físico do viajante que se desloca de um lugar a outro. O caminho simbólico de quem faz de sua vida uma busca pela perfeição ou, pelo menos, de desapego com o mundo, concebido como um simples lugar de passagem, como um mero caminho para a morada definitiva do céu¹ (GARCÍA DE CORTÁZAR, 1994, p. 11, tradução nossa).

Dentre os inúmeros deslocamentos, alguns geraram relatos escritos e outros inspiraram escritores para a redação de “viagens imaginárias”. Dessa maneira, há o desenvolvimento de um gênero literário a partir das experiências de viagem. Tal classificação literária é denominada “Literatura de Viagens” e apresenta subdivisões como: viagens reais e imaginárias.

Acerca das organizações textuais, ambas modalidades seguem as mesmas normas. Miguel Ángel Pérez Priego (1984) declara que são características do gênero a presença de alguns elementos: itinerário, sendo este o componente estrutural fundamental que articula a narrativa; ordem cronológica, que legitima a verossimilhança da viagem; ordem espacial, que se associa ao itinerário; descrição do espaço; *mirabilia*; a narrativa é linear e contínua, protagonizada por um único personagem; e, há o predomínio do uso da primeira pessoa, exibindo uma função verificadora, que confere autenticidade ao que foi narrado.

Sendo assim, o caráter que diferencia as viagens reais das imaginárias é a realização física da viagem. Isto é, os livros que narram viagens reais apresentam um deslocamento que *realmente* aconteceu. Já as obras que contém viagens imaginárias descrevem viagens que foram elaboradas por um autor que, munido de conhecimento acerca das possibilidades de caminhos a serem seguidos, construiu em sua *imaginação* uma viagem e, por isso, ela não foi realizada fisicamente.

A separação das viagens em reais e imaginárias é um exercício posterior à Idade Média e podemos realizá-lo comparando datas e os acontecimentos narrados, e supostamente vivenciados pelos autores. Ademais, é importante ressaltar que a classificação das obras como “imaginárias” não interfere na possibilidade de utilizá-las enquanto fonte de pesquisa.

Acerca dos usos dos livros de viagens, pode-se declarar que estes ocorrem por pesquisadores de diferentes áreas, como filologia, literatura, geografia, economia, história, entre outras. No campo da História, os estudos dizem respeito, principalmente, aos realizados por historiadores da cultura medieval, conforme apontado por Eugenia Popeanga (1991). A extensão de abordagens está relacionada com a amplitude do gênero literário, já que há obras escritas em diferentes línguas, por autores pertencentes a distintas classes sociais, os quais narram viagens que partem de diversas localidades, assim como apresentam inúmeros destinos.

Tratando-se do caso dos historiadores medievais, os temas a serem explorados dependem dos livros selecionados como fonte de estudo. Por exemplo, se a pedra de toque do pesquisador for *O livro das maravilhas*, que trata a respeito da viagem realizada por Marco Polo, dentre as possibilidades de temáticas estão: o comércio medieval, as *mirabilia* e a corte de Kublai Khan.

Neste artigo utilizaremos como fonte a obra castelhana *Embajada a Tamorlán* (2003), redigida por Ruy González de Clavijo em 1406. O autor descreve uma viagem organizada a pedido do Rei de Castela e Leão, Enrique III, na qual os viajantes partiram de Cadiz, em Castela e tinham como destino a cidade de Samarcanda, capital do Império Timúrida. O objetivo da viagem, que fornece o título à obra, era encontrar o Imperador

¹ [...] camino físico del viajero que se desplaza de un lugar a otro. El camino simbólico de quien hace de su vida na búsqueda de perfección o, cuando menos, de desasimiento respecto al mundo, concebido como simple tránsito, como mera vía, para la morada definitiva del cielo (GARCÍA DE CORTÁZAR, 1994, p. 11).

Tamerlão e estabelecer contatos diplomáticos, de modo a formar uma aliança entre turcos-mongóis e castelhanos.

Enrique III buscava a união de forças com Tamerlão, pois este havia derrotado Bajazeto I, líder Otomano, na batalha de Ankara em 1402. Dessa forma, o Imperador turco-mongol representava uma possibilidade de auxílio no enfrentamento aos otomanos, os quais ameaçavam as localidades cristãs. Com isso, Enrique III ordenou a formação de uma embaixada, composta por Ruy González de Clavijo (cavaleiro madrilenho), frade Alonso Páez de Santa María e Gómez de Salazar (mestre de armas).

Devido ao caráter da viagem; ao trajeto dos embaixadores e a forma da redação da obra, podem ser abordados os seguintes assuntos: as viagens na Baixa Idade Média; os meios de locomoção dos viajantes do medievo; a diplomacia medieval e de que maneira Ruy González de Clavijo descreveu os mongóis. Sendo esta última o objeto de análise deste artigo, ou seja, de que maneira a cultura mongol é representada no livro *Embajada a Tamorlán* (2003).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a compreensão das formas de abordagem da cultura mongol na obra castelhana *Embajada a Tamorlán* (2003), realizamos a leitura do livro na íntegra. Além disso, foram lidos de textos de comentadores, artigos que analisam o gênero literário “Literatura de Viagens”, obras que contextualizam o período e produções que tratam acerca da cultura mongol.

Após a análise do livro castelhanos, foi possível dividi-lo em quatro partes, as quais foram delimitadas da seguinte forma: a primeira ocorre nas proximidades de Cádiz e remetem ao início da viagem – em maio de 1403 –, até o momento em que os embaixadores conseguem sair de Constantinopla e navegam através do Mar Negro, chegando na cidade de Trebizonda – em abril de 1404. Para este trecho foram usadas, majoritariamente, embarcações e por esta razão a narrativa apresenta questões relacionadas ao clima e as interferências deste na navegação. Outras descrições do autor dizem respeito às diversas ilhas pelas quais os viajantes passaram, com ênfase às construções e à agricultura das regiões.

Já a segunda divisão corresponde ao percurso transcorrido entre as cidades de Trebizonda e Samarcanda – de abril a setembro de 1404 –, já que a viagem passa a ser desenvolvida por vias terrestres. Neste trajeto, são descritas diversas cidades, vilas e construções, que estavam sob domínio de diferentes povos, com os quais os embaixadores tiveram contato.

Por sua vez, a terceira parte abrange o intervalo de tempo no qual a embaixada ficou em Samarcanda – de setembro a novembro de 1404. Sendo assim, neste período, são narradas diversas festividades, para as quais os embaixadores foram convidados. Ademais, Ruy González de Clavijo (2003) descreve as construções da cidade e fatos históricos que foram apresentados aos embaixadores.

A última parte corresponde ao fim da viagem, ou seja, ao momento em que os embaixadores castelhanos saem de Samarcanda para voltarem ao reino de Enrique III – de novembro de 1404 a março de 1406. Esta parte da obra possui menos detalhes do que o início da viagem, uma vez que, o trajeto de regresso é semelhante ao que havia sido percorrido para a ida.

Com a divisão da obra em quatro partes, foi possível observar trechos em que há a predominância da descrição de elementos característicos à cultura mongol, pois a comitiva estava percorrendo localidades dominadas por esse povo. Dessa maneira, nossa análise ficou circunscrita, principalmente, a essas etapas do livro, as quais correspondem às segunda e terceira partes. Com isso, foram selecionados excertos em que Ruy González

de Clavijo (2003) descreve os costumes mongóis. Para a análise de tais trechos, foram utilizadas produções que tratam acerca da cultura mongol, isto é, os textos de Antonio García Espada (2017), Bayarsaikhan Dashdondog (2016), Michael Burgan (2009) e George Lane (2006).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os mongóis tiveram suas origens nas estepes asiáticas e são conhecidos por algumas características, como a vida nômade, a criação de cavalos e seus vínculos com o grande líder Gengis Khan, que, no século XIII, promoveu a unificação do Império Mongol. A presença de traços da cultura mongol na obra *Embajada a Tamorlán* (2003) pode ser relacionada a dois motivos. O primeiro diz respeito à região percorrida pelos embaixadores castelhanos (Figura 1), pois no início do século XV grupos que partilhavam a cultura mongol habitavam tais localidades.

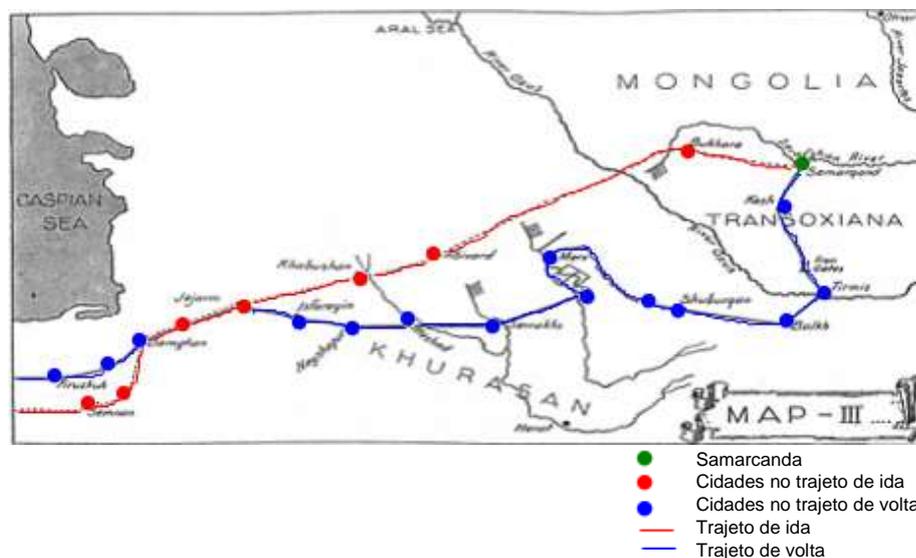


Figura 1: Mapa do trajeto percorrido na viagem descrita por Ruy González de Clavijo.
Fonte: GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. *Embassy to Tamerlane*. (Ed.) Guy Le Strange. Abingdon: RoutledgeCurzon, 2005, p. 88.

Já a segunda motivação liga-se com a origem familiar de Tamerlão, sendo este caráter reafirmado pelo Imperador em diversas ocasiões. Conforme apresentado por Beatrice Forbes Manz (1989), Tamerlão pertencia à tribo dos Barlas, descendente da tribo Mongol Barula, da confederação de Genghis Khan. Além disso, o líder turco-mongol teria nascido na região Transoxiana, a qual fazia parte do Canato de Chagatai, um território pertencente à um dos filhos de Genghis Khan (MANZ, 1989).

Na descrição de Ruy González de Clavijo é possível observar, tanto na segunda quanto na terceira parte de sua obra, elementos característicos às práticas culturais mongólicas. Para este artigo separamos três elementos que, de acordo com Antonio García Espada (2017), Bayarsaikhan Dashdondog (2016), Michael Burgan (2009) e George Lane (2006), podem ser considerados como comuns à cultura mongol. Desse modo, selecionamos trechos do livro castelhano que tratam do uso de cavalos, da ingestão de bebidas alcoólicas e das moradias utilizadas no Império Timúrida.

De acordo com Antonio García Espada (2017), os cavalos eram necessários aos mongóis, assim como aos demais habitantes das estepes asiáticas. A montaria utilizada pela cultura mongol era resistente, pequena e robusta, constituindo-se como um dos recursos principais dos combatentes mongóis. Isto é, os cavalos eram usados tanto para a

locomoção quanto para proteção em batalhas, usando-os como escudo ou como uma força bruta para entrar em choque com os inimigos (GARCÍA ESPADA, 2017).

Nesse sentido, Ruy González de Clavijo (2003) destaca o uso de cavalos ao iniciarem o trajeto por vias terrestres. A presença de tais animais no caminho está relacionada a cultura dos povos das estepes, já que podemos observar a proeminência no uso de cavalos mesmo em locais fora dos domínios do líder turco-mongol. Entretanto, em alguns momentos, era necessário que os embaixadores pagassem pelo uso dos animais. Com isso, podemos observar diferenças em territórios comandados por Tamerlão, uma vez que os senhores das áreas submetidas ao poderio do imperador deveriam oferecer ajuda aos viajantes, sobretudo para as comitivas reais e imperiais.

Por exemplo, ao chegarem em uma determinada vila os viajantes foram recebidos de maneira calorosa, sendo oferecido a eles suprimentos e cavalos, que seriam utilizados para sua própria locomoção e para carregarem seus pertences (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 39). Em outra situação, na cidade de Arsinga, o senhor daquela localidade desejava ver os embaixadores e, para isso, enviou-lhes cavalos e guardas, para que pudessem ir até o local solicitado (GONZÁLEZ CLAVIJO, 2003, p. 40).

A amplitude do uso de cavalos no Império de Timúrida pode ser evidenciada com a descrição da estrutura organizada por Tamerlão a partir da cidade de Tabriz.

[...] os Embaixadores ficaram nesta cidade nove dias e quando chegou a hora de partir, lhes trouxeram cavalos do próprio Tamerlão, não apenas para os embaixadores, mas também para os outros participantes da comitiva e para que carregassem seus pertences. Daqui em diante Tamerlão havia estabelecido paradas dispostas com cavalos, para que os que fossem ao encontro dele pudessem cavalgar. Os cavalos estavam prontos dia e noite, dispostos em intervalos de meio dia ou um dia. Em alguns lugares havia cinquenta, em outros cem e até mesmo duzentos cavalos, com isso, o caminho até à cidade de Samarcanda estava organizado [...] (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 51-52, tradução nossa).

Dessa forma, o uso de cavalos pode ser considerado uma característica cultural mongol em diversos âmbitos, tais como: para locomoção; instrumentos de guerra; e também como um gesto político ou de respeito. Além disso, quando os embaixadores chegam a Samarcanda – destino da viagem – é possível observar que os cavalos também eram utilizados na esfera alimentícia, pois, conforme asseverado por Antonio García Espada (2017), a carne do animal poderia ser consumida. Prática que pode ser visualizada na descrição de Ruy González de Clavijo (2003) acerca de algumas festividades que, dentre os alimentos servidos aos convidados, estava a carne de cavalo.

[...] e se sentaram como no dia anterior, e o beber durou muito e depois trouxeram a carne, que foram muitos cavalos assados, carneiros cozidos e assados, depois um marinado e muito arroz, de muitas maneiras, conforme seus costumes (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 78, tradução nossa).

E o Senhor saiu meio-dia das proximidades e veio ao grande pavilhão, para o qual fez os Embaixadores irem e ali deu-lhes um grande jantar, com muita carne de

² [...] los dichos Embajadores estuvieron en esta ciudad nueve días, y cuando quisieron partir, trajéronles caballos de los del Señor, en que fuesen ellos y todos los sus hombres, y llevasen lo suyo; ca desde aquí adelante tenía el Señor puestos caballos en paradas, para que los que a él fuesen, cabalgasen en ellos, y anduviesen de día y de noche, de ellos a media jornada, y de ellos a uma, y en algún lugar ciento, y en otro cincuenta, y en otro lugar doscientos, y así tenía los caminos ordenados hasta la ciudad de Samarcante [...] (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 51-52).

³ [...] sentáronlos según él día de antes, y el beber duró una gran pieza, y de sí trajeron la vianda, que fueron muchos caballos asados, y carneros cocidos y asados, y después lo adobado, y mucho arroz de muchas maneras según su costumbre (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 78).

carneiros e cavalos; com o término do jantar, os Embaixadores voltaram a seus aposentos⁴ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 81, tradução nossa).

Outra forma de consumi-lo ocorre por meio do leite da égua, utilizado para produção de bebidas fermentadas, denominadas *airag* ou *kumiss*. Estas, segundo Bayarsaikhan Dashdondog (2016), consistiam nas únicas bebidas alcoólicas disponíveis no período pré-imperial. Posteriormente, com a expansão territorial mongol e o contato com diferentes culturas – chinesa ou islâmica, por exemplo –, foram introduzidas outras bebidas na dieta alimentar dos mongóis, dentre as quais podemos citar: o hidromel, a cerveja de arroz e o vinho tinto.

Bayarsaikhan Dashdondog (2016) afirma que além de beber, ficar bêbado também se constitui enquanto um dos traços culturais dos mongóis. Na obra *Embajada a Tamorlán* (2003) esse aspecto se torna evidente com a insistência de Tamerlão para o consumo de álcool por parte dos embaixadores.

E quinta-feira, dois de outubro, o Senhor enviou os Embaixadores ao jardim, no qual estava um Cavaleiro, [...] e lhes disse que o Senhor havia pedido para dizer que ele sabia que os Francos bebiam vinhos todos os dias, mas que ali, na frente dele, não estavam bebendo à vontade quando ordenava que lhes servissem. Por isso, enviava a eles [...] para que comessem e bebessem como quisessem e, para isso, mandava-lhes dez carneiros, um cavalo e uma carga de vinho [...]⁵ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 79, tradução nossa).

Em outras passagens Ruy González de Clavijo (2003) destaca os costumes relacionados ao consumo de álcool nas festas promovidas por Tamerlão. Por exemplo, na ocasião em que a nora de Tamerlão promoveu uma grande festa, o autor do livro observou os modos de beber daquele povo e os descreveu da seguinte forma:

[...] um velho Cavaleiro, parente do Senhor, e outros dois jovens, também seus parentes, serviam as mulheres da seguinte maneira: seguravam em suas mãos dois panos brancos e os que derramavam o vinho, enchiam de vinho umas taças pequenas de ouro e colocavam-nas em pequenos pratos de ouro; os que serviam o vinho iam na frente e os que enchiam as taças, atrás [...]. E não pensem que este beber durou pouco, mas muito tempo, e sem comer [...] e às vezes bebiam vinho e as vezes uma bebida de leite [...]; E a bebida foi tanta que homens bêbados caíam [...]: e isso eles entendem como uma atitude nobre, aqui entendem que não seria prazeroso nem alegre um lugar que não houvesse bêbados⁶ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, 82-83, tradução nossa)

⁴ Y el Señor salió a hora de medio día de una de estas cercas, y vino so el dicho gran pabellón, e hizo venir allí dentro a los dichos Embajadores, y dioles allí una gran yantar de mucha vianda de carneros y caballos, y la yantar acabada, los dichos Embajadores se vinieron a sus posadas (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 81)

⁵ Y jueves, que fueron dos días de Octubre, el Señor envió a los dichos Embajadores a la huerta donde posaba un Caballero, [...] el cual les dijo, que el Señor les enviaba a decir, que él sabía bien que los Francos que bebían vino cada día, y allí ahora com él que no lo bebían a su voluntad ante él, cuando se lo mandaba dar, que por eso se los enviaba a él ellos allí [...] porque comiesen y bebiesen a su voluntad, y que les enviaba para ello diez carneros y un caballo para comer, y una carga de vino [...] (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 79).

⁶ [...] un Caballero viejo pariente del Señor, y otros dos mozos pequeños sus parientes, servían de copa ante ella, y ante las otras Dueñas en esta manera: habían en las manos paños blancos, y los que escanciaban el vino, echaban el vino en unas tazas pequeñas de oro, y poníanlas en sendos plateles pequeños de oro llanos, y aquellos que servían el vino iban delante, y los escanciadores atrás [...]. Y este beber no penséis que les duro poco, más un gran rato, y sin comer [...] y a las vezes bebían vino, y a las vezes de brebaje de leche [...]; y tanto fue el beber, que se caían [...]: y esto han ellos por muy gran nobleza, ca entenderían que no sería placer ni regocijo donde no hubiese hombres beodos (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 82-83).

Ainda sobre a relação da cultura mongol e o consumo de álcool, Ruy González de Clavijo (2003) apresenta outros elementos, ao afirmar que em uma festa para a qual os embaixadores foram convidados, Tamerlão ordenava às pessoas que bebessem e que elas não deveriam “ousar” beber escondidas do Imperador. Assim como no trecho anterior, neste caso o autor destaca que a bebida as vezes era tanta que os homens ficavam bêbados e, caso isto não acontecesse, não haveria alegria no local. Ruy González de Clavijo (2003) aponta que, para servir melhor as pessoas nas festas, os homens encarregados de oferecer as bebidas dedicavam-se apenas à um ou dois convidados da festa. O incentivo ao consumo de bebidas alcoólicas pode ser considerado um dos traços culturais mongóis, já que os homens que bebiam bastante vinho eram denominados *bahadur*, título que indica “ser um homem forte”, conforme relatado por Ruy González de Clavijo (2003).

Por fim, o terceiro elemento cultural selecionado diz respeito às moradias mongóis, as quais deveriam estar em sincronia com o nomadismo mongólico. Nesse sentido, podemos observar a partir da descrição de Ruy González de Clavijo (2003) a proeminência de tendas em detrimento de construções fixas. Tais estruturas possuem a característica de fácil montagem e desmontagem, podendo ser denominadas *ger* ou *yurt*. As acomodações são definidas por Michael Burgan (2009) e George Lane (2006), atribuindo aos *gers* o caráter redondo, a fabricação em madeira, com panos de lã de ovelha, a existência de um buraco no centro para a luz e a cobertura do chão feita com peles de animais (BURGAN, 2009). Além do uso prático, os *gers* e *yurts* poderiam representar o *status* social de seus donos, o qual relacionava-se com o tamanho da tenda em questão (LANE, 2006).

O uso e descrição das tendas ocorre em diversos momentos de *Embajada a Tamorlán* (2003), principalmente quando os embaixadores estão em Samarcanda, vivenciando as festas promovidas por Tamerlão. Uma vez que, as festividades, em sua maioria, eram realizadas nessas estruturas, como no trecho:

[...] e nesse campo o Senhor ordenou que fossem armadas muitas tendas para si e para suas mulheres, e mandou que todo o seu exército, que estava espalhado por vários locais, se juntassem ali, cada um em seu lugar, e colocassem suas tendas, e viessem com suas mulheres [...]. E após as tendas do Senhor serem armadas, cada um sabia onde deveriam colocar suas tendas, [...] tanto os maiores até quanto os menores sabiam os seus lugares e, como já sabiam, tudo ocorreu de maneira ordenada e sem barulho. Antes de três ou quatro dias foram armadas ao redor das tendas do Senhor aproximadamente vinte mil, e cada dia vinham mais de todas as partes⁷ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 78, tradução nossa).

Em outra ocasião, em uma das festas para qual os embaixadores foram convidados, Ruy González de Clavijo (2003) descreve a disposição das tendas e pavilhões, sendo possível observar que os tamanhos das acomodações surpreendem o autor da obra. Ademais, pode-se inferir que no excerto abaixo o embaixador castelhano está descrevendo locais que pertencem a pessoas importantes do Império Timúrida, pois tratam-se de ambientes grandes, caráter que remete ao *status* de seu dono, conforme supracitado.

[...] quando chegaram encontraram muitas tendas, bem bonitas e várias outras estavam próximas às margens do rio, as quais também eram bonitas e estavam

⁷ [...] y en este campo mandó el Señor armar muchas tiendas para sí y para sus mujeres, y mandó a toda su hueste, que estaban derramados por huestes y prados de la tierra, que se ayuntasen allí todos, cada uno en su lugar, y pusiesen sus tiendas, y viniesen allí con sus mujeres [...]. Y de que las tiendas del Señor fueron armadas, ya sabía cada uno donde había de venir a poner sus tiendas, [...] desde el mayor hasta el menor sabe su lugar, y lo tiene ya conocido, todos ordenadamente y sin ruido, y antes de tres o cuatro días fueron armadas en derredor de las tiendas del Señor hasta veinte mil, y de cada día no hacían si no venir de todas partes (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 78).

muito perto umas das outras [...]. Os Embaixadores foram perto de onde estavam as tendas do Senhor, local em que foram colocados em sombras, que eram feitas de um pano de linho branco, entrelaçado com panos de outras cores e era longo, e ereto com dois pedaços de madeira e cordas que o puxavam, e havia muitas dessas sombras no campo. [...] perto dessas sombras estava um pavilhão muito grande e alto, que era feito como uma tenda, exceto por ser quadrado, tinha a altura de três lanças, e mais: suas saias não alcançavam o solo [...] e tinham uma largura de até cem passos, com quatro cantos e seu teto era redondo como uma abóbada [...]. E embaixo deste pavilhão havia uma parte com tapetes, com alguns almadaques, formando uma plataforma para o Senhor [...]. Próximo deste pavilhão havia uma delimitação, assim como as de vilas e castelos [...]. E dentro deste limite havia muitas tendas e sombras armadas de muitas formas, entre as quais estava uma tenda alta [...], redonda, com paredes feitas com varas grossas, como lanças [...] (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 79-80, tradução nossa).

As narrações acerca das moradias possuem outros detalhes como os materiais de fabricação, elementos decorativos, cores e permissões de uso, por exemplo. Com isso, pode-se visualizar a “extravagância” da corte de Tamerlão aos olhares dos embaixadores castelhanos, já que em diversos momentos Ruy González de Clavijo (2003) destaca o quão bonitas são as construções e como elas são uma maravilha, tanto em dimensões quanto a respeito dos materiais utilizados.

4 CONCLUSÕES

Por narrar uma viagem à uma localidade que os indivíduos do Ocidente não possuíam acesso frequente, a obra castelhana *Embajada a Tamorlán* (2003) descreve em pormenores alguns elementos da cultura mongol, da qual Tamerlão partilhava práticas e costumes. Dessa forma, foi possível realizar uma análise do livro, buscando a descrição de aspectos culturais do povo mongol.

Com isso, concluímos que algumas questões foram salientadas por Ruy González de Clavijo (2003), já que o autor se dedicou com mais detalhes e por várias vezes ao tratamento de alguns assuntos. Ou seja, o uso de cavalos por parte dos mongóis não se mostra enquanto uma novidade aos olhos dos embaixadores, já que em outros períodos os povos do Ocidente entraram em contato com tal característica. Além disso, cavalgar também era parte do cotidiano castelhano, indicando o uso de cavalos como comum aos viajantes.

Entretanto, ao descrever várias vezes a oferta de cavalos por parte de senhores e ao presenciar a estrutura elaborada por Tamerlão em suas terras, na qual cavalos eram dispostos para que viajantes pudessem utilizá-los, Ruy González de Clavijo (2003) parece maravilhar-se com tais organizações. Já a retomada frequente da ingestão de bebidas alcoólicas e as diversas descrições acerca das festividades e das tendas nas quais elas

⁸ [...] y cuando en él fueron, hallaron muchas tiendas y bien hermosas, y las más de ellas estaban ribera del río, y bien parecían hermosas de ver, y estaban muy juntas unas con otras [...]. Y de que los dichos Embajadores fueron cerca de donde estaban las tiendas del Señor, pusiéronlos so una sombra: la cual era de un de lino blanco, entretallado de paño de otras colores, y era luenga, y enhiesta hasta arriba con dos maderos y cuerdas que la tiraban, y por el campo había asaz de estas sombras. [...] y cerca de estas sombras estaba un muy grande y alto pabellón, el cual era hecho como tienda, salvo que estaba cuadrado, y era tan alto como tres lanzas de armas, y más; las faldas de él no llegaban al suelo [...] y había en ancho hasta cien pasos, y había cuatro esquinas, y el cielo de él era redondo como bóveda [...]. Y so este pabellón estaba a la una parte puesto un estrado llano de alfombras, y en él puestos tres o cuatro almadaques uno sobre otro, y este estrado era para el Señor [...]. Y cerca de este dicho pabellón estaba una cerca así como de villa o de castillo [...]. Y dentro de esta cerca había muchas tiendas, y sombras armadas de muchas maneras: entre las cuales estaba una muy alta tienda [...], y era redonda, y las paredes eran de varas tan gruesas como lanzas [...] (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 79-80).

ocorriam, atestam para a divergência entre a realidade vivenciada nos domínios de Enrique III e Tamerlão.

Desse modo, a partir do que foi exposto ao longo do texto, podemos perceber que as fontes que tratam das viagens realizadas ao Oriente podem ser utilizadas para visualizarmos de que forma os ocidentais observavam outras culturas. Para tanto, é necessário compreendermos, em primeiro lugar, tais práticas culturais, já que as descrições medievais possuem a lente da realidade nas quais os viajantes estavam inseridos. Isto é, as análises devem ser cautelosas, pois os relatos podem estar envoltos em pré-conceitos.

REFERÊNCIAS

BURGAN, M. **Empire of The Mongols**. New York: Chelsea House Publishers, 2009.

DASHDONDOG, B. Drinking traits and culture of the Imperial Mongols in the eyes of observers and in a multicultural context. **Crossroads**, 2016, p. 161-172.

GARCÍA DE CORTAZÁR, J. Á. El Hombre Medieval como “Homo Viator”: Peregrinos y viajeros. **IV Semana de Estudios Medievales**. Najera, 1993. Instituto de Estudios Riojanos, Lograño, p. 11-30, 1994.

GARCÍA ESPADA, A. **El império mongol**. Madrid: Editorial Síntesis, 2017.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tamorlán**. Buenos Aires: Editorial del Cardo, 2003.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embassy to Tamerlane**. (ed.) Guy Le Strange. Abingdon: RoutledgeCurzon, 2005, p. 88.

LANE, G. **Daily Life in The Mongol Empire**. London: Greenwood Press, 2006.

MANZ, B. F. **The rise and the rule of Tamerlane**. New York: Cambridge University Press, 1989.

PÉREZ PRIEGO, M. Á. Estudio literario de los libros de viajes Medievales. **EPOS: Revista de Filología**. Madrid, n.1, p. 217-239, 1984.

POPEANGA, E. Lectura e investigación de los libros de viajes medievales. **Filología Románica**. Anejo 1, Madrid, 1991. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM9191220009A/12673>. Acesso em: 20 jul. 2021.